



DILEMAS ATUAIS & DESAFIOS FUTUROS



Miranda do Douro

**Unidade de Longa Duração e Manutenção de Santa
Maria Maior**

Escola Superior de Saúde / IPB

28 e 29 de Setembro de 2012

LIVRO DE ATAS (EBOOK)

COORDENADORES:

Adília da Silva Fernandes

Carlos Pires Magalhães

Maria Augusta Pereira da Mata

Maria Helena Pimentel

Maria Gorete Baptista

FICHA TÉCNICA

Título

Dilemas atuais e desafios futuros | I Congresso de Cuidados Continuados da Unidade de Longa Duração e Manutenção de Santa Maria Maior

Autores/Editores

Adília da Silva Fernandes; Carlos Pires Magalhães; Maria Augusta Pereira da Mata;
Maria Helena Pimentel; Maria Gorete Baptista

Editora

Escola Superior de Saúde, Instituto Politécnico de Bragança

Data

Setembro de 2012

ISBN

978-972-745-144-9

Esta edição é publicada pela Escola Superior de Saúde, Instituto Politécnico de Bragança

Agência Nacional ISBN

Dilemas atuais e desafios futuros - I Congresso de Cuidados Continuados da Unidade de Longa Duração e Manutenção de Santa Maria Maior

editado por Adília da Silva Fernandes; Carlos Pires Magalhães; Maria Augusta Pereira da Mata; Maria Helena Pimentel; Maria Gorete Baptista

ISBN 978-972-745-144-9

Editora: Escola Superior de Saúde, Instituto Politécnico de Bragança

Prefixo da Editora: 972-745-

Livro em 1 volume, 259 páginas

Este livro contém informações obtidas de fontes autênticas. A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos é única e exclusivamente dos autores.

Os artigos publicados neste livro são propriedade da ESSa-IPB. Este livro ou qualquer parte do mesmo, não poderá ser reproduzido ou transmitido em qualquer formato ou por qualquer meio, electrónico ou físico ou por qualquer sistema de armazenamento de informação ou de recuperação, sem autorização prévia por escrito da ESSa-IPB.

Todos os direitos reservados.

Escola Superior de Saúde | Instituto Politécnico de Bragança

Avenida D. Afonso V - 5300-121,

Bragança, Portugal

Tel: (+351) 273 303 200 / (+351) 273 330 950

Fax: (+351) 273 327 915

© 2012 by ESSa - IPB

ISBN 978-972-745-144-9

16. O IDOSO E A MEDICAÇÃO

16. THE ELDERLY AND MEDICATION

**Adília Maria Pires da Silva Fernandes¹³⁴; Carlos Pires Magalhães¹³⁴;
Celeste da Cruz Meirinho Antão¹³⁴; Eugénia Maria Garcia Jorge Anes¹³⁴;
Maria Augusta Pereira da Mata¹³⁴; Maria Helena Pimentel²³⁴**

¹ Professor Adjunto, PhD.

² Professor Coordenador, PhD.

³ Escola Superior de Saúde do IPB.

Avenida D. Afonso V - 5300-121 Bragança.

Tel.: (+351) 273 330 950

⁴ Membro do Núcleo de Investigação e Intervenção do Idoso (NIII)

Resumo

Introdução: Atualmente uma grande percentagem da população depara-se com a necessidade de consumir medicação face ao crescimento acentuado das doenças, necessitando adotar medidas para as controlar e tratar. Esta realidade é acompanhada da toma de vários fármacos em simultâneo, mas, nem sempre lhe é dispensada a atenção devida. A automedicação pode acarretar diversas consequências como resistência bacteriana, dependência e aumento do risco para determinadas neoplasias (Ribeiro *et al.*, 2010). **Objetivos:** Avaliar o comportamento dos indivíduos na toma da medicação e determinar a prevalência da poli e automedicação. **Material e Métodos:** Estudo quantitativo, descritivo e transversal. Obteve-se uma amostra não probabilística acidental de 61 indivíduos com 65 ou mais anos. A recolha de dados foi efetuada em maio de 2011 através de um questionário elaborado para o efeito. **Resultados:** A média de idades dos inquiridos situa-se nos 75, 52 anos \pm 7,9. A amostra é constituída por 49,2% de indivíduos do sexo masculino e 50,8% do feminino. Da totalidade dos inquiridos 39,3% consideram a sua saúde como regular; 37,7% consideram-na má ou muito má e 23% boa ou muito boa. Responderam tomar medicação com prescrição 59 indivíduos, dos quais, 33 referem tomar até quatro medicamentos e 9 responderam tomar cinco ou mais. Dos 5 que responderam tomá-la sem prescrição médica, 4 referem tomar até quatro medicamentos. Da totalidade de inquiridos, 55,7% respondeu tomar sempre o medicamento como está prescrito; 41% procura saber os efeitos secundários dos medicamentos e 60,7% verifica sempre a validade; 73,9% assume tomar os medicamentos até finalizar e 45,9% refere recorrer a serviços/profissionais de saúde quando necessita de esclarecer dúvidas sobre medicamentos. **Discussão e Conclusão:** Uma elevada percentagem de inquiridos consome medicamentos. Na nossa amostra 8,2% assume tomar medicação sem prescrição médica, valor inferior ao encontrado no estudo realizado por Lopes e Sousa (2002) onde 40% dos inquiridos recorria à automedicação. De salientar que a maioria dos inquiridos respeita a prescrição e toma os medicamentos até ao fim, mesmo quando que se sente melhor, contrariando também os resultados encontrados por Lopes e Sousa (2002). Os inquiridos revelaram, em elevada percentagem, possuir sentido de responsabilidade no que respeita à utilização dos medicamentos e à procura de informação.

Palavras-chave: Saúde; Medicação; Idosos.

Abstract

Introduction: Currently a large percentage of the population is faced with the necessity to consume medication against the sharp growth of diseases, requiring to adopt measures to control and treat. This reality is accompanied by intake of several drugs simultaneously, but it is not always given due attention. Self-medication can cause various consequences such as bacterial resistance, dependence and increased risk for certain cancers (Ribeiro *et al.*, 2010). **Objectives:** To assess the behavior of individuals in taking the medication and to determine the prevalence of poly and self-medication. **Material and Methods:** It was opted for a quantitative, descriptive and universal study. Obtained a non-probabilistic sample of 61 individuals accidentally with 65 or more years. Data collection was conducted in May 2011 using a form prepared for this purpose. **Results:** The average age of respondents is situated in 75, 52 years \pm 7.9. The sample consists of 49.2% of males and 50.8% females. Of all respondents 39.3% regard their health as fair, 37.7% consider it bad or very bad and 23% good or very good. Answered to take prescription medication with 59 individuals, of which 33

relate take up to four medications and nine responded to take five or more. Of the 5 who responded to take it without prescription, 4 relate to take up to four medications. Of all respondents, 55.7% answered always take the medicine as prescribed, 41% demand to know the side effects of medications and 60.7% always checks the validity; 73.9% assumes to take medications until finalize and 45, 9% referred ensure services / health professionals when need to answer questions about medications. **Discussion and Conclusion:** A high percentage of respondents consume medicines. In our sample, 8.2% assumes to take medication without prescription, lower than that found in the study by Lopes and Sousa (2002) where 40% of respondents resorted to self-medication. Note that the majority of respondents regarding the prescription and take the medications until the end, even when it feels better, also contradicting the findings of Lopes and Sousa (2002). Respondents revealed in high percentage, owning a sense of responsibility regarding the use of medications and seeking information.

Keywords: Health; Medication; Elderly.

Introdução

Atualmente uma grande percentagem da população depara-se com a necessidade de consumir medicação face ao crescimento acentuado das doenças, necessitando medidas para as controlar e tratar. Com o envelhecimento podem aumentar as doenças crónico-degenerativas com conseqüente aumento do consumo de fármacos. Roach (2003, p. 117) cita polifarmácia como o “uso de um número excessivo de medicamentos prescritos e de automedicação que muitas vezes são desnecessários e podem interagir dentro do corpo e causar várias reações adversas”. Outros autores consideram a Polimedicação como o uso excessivo de medicamentos não necessários ou o uso de 5 ou mais fármacos (Frazier, 2005; Williams, 2002 citados por De Santis, 2009). As doses de medicamentos utilizadas em idosos não são iguais às ministradas em adultos, o que explica o aumento de reações adversas nesta faixa etária. A polimedicação é o principal fator de risco de efeitos adversos das drogas, podendo ocorrer devido a disfunções de órgãos, alterações na concentração dos medicamentos, alterações farmacodinâmicas e homeostáticas e doenças associadas (Roach, 2003). Esta realidade associada à automedicação, potencializam o risco de reações adversas e/ou interações medicamentosas que aumentam consoante o número de medicamentos administrados. O risco de interação entre fármacos aumenta exponencialmente com o número dos mesmos, sendo de 6% para o uso de dois fármacos e 50% para o uso de 5 e de quase 100% para oito ou mais (Delafuente, 2003; Wyles & Rehman, 2005 citados por Santos & Almeida, 2010).

A idade, o número e a diversidade de medicamentos podem ainda condicionar a adesão ao tratamento das diferentes patologias. Sobre esta problemática, De Santis (2009) acrescenta que quanto maior o número de medicações prescritas, maior o custo económico, menor adesão terapêutica e maior será o risco de interações.

A baixa adesão ao tratamento compromete os esforços do sistema de saúde, causa complicações da doença e reduz a qualidade de vida dos doentes (International Council of Nursis, 2009). A automedicação pode acarretar diversas conseqüências como resistência bacteriana, dependência e aumento do risco para determinadas neoplasias (Ribeiro *et al.*, 2010).

Material e Métodos

Com o presente estudo pretendeu-se, por um lado, avaliar comportamentos dos inquiridos face à medicação, por outro, determinar a prevalência da poli e automedicação.

Recorreu-se a um estudo quantitativo, de carácter observacional, descritivo e transversal (Ribeiro, 2007).

A colheita de dados foi efectuada em maio de 2011 através de um questionário elaborado para o efeito e aplicado a indivíduos que participaram nas comemorações do Dia Mundial da Saúde em Bragança, cuja temática foi «Resistência aos antimicrobianos: se não actuarmos hoje, não haverá cura amanhã». O referido questionário inclui variáveis sociodemográficas, clínicas e comportamentais relacionadas com procedimentos atinentes à medicação.

Efetuuou-se um pré-teste a 7 indivíduos, tendo-se posteriormente reformulado algumas questões. Obteve-se uma amostra não probabilística accidental de 61 indivíduos com 65 ou mais anos.

A participação foi voluntária, os inquiridos foram informados dos objetivos da investigação e da garantia de confidencialidade dos dados. Procedeu-se ao esclarecimento de dúvidas e por fim, foi assinado o termo de consentimento livre e esclarecido.

Para o tratamento de dados foi utilizado o programa SPSS versão 17. Na análise da informação foi utilizada estatística descritiva, nomeadamente frequências absolutas e relativas, medidas de tendência central e medidas de dispersão.

Resultados

A média de idades dos inquiridos situa-se nos 75, 52 anos \pm 7,9. A amostra é constituída por 49,2% de indivíduos do sexo masculino e 50,8% do feminino. Da totalidade dos inquiridos e como se pode verificar na tabela 1; 24 (39,3%) consideram a sua saúde como regular; 23 (37,7%) consideram-na má ou muito má e 14 (23%) boa ou muito boa.

Tabela 1- Distribuição das respostas, por sexo, segundo a autoperceção de saúde

		Muito Má	Má	Regular	Boa	Muito Boa	Total
Sexo	Masculino	0	7	12	9	2	30
	Feminino	3	13	12	3	0	31
Total		3	20	24	12	2	61

Verifica-se, observando a tabela 2, que são as mulheres que mais tomam medicação com prescrição médica (n=31). Os homens são os que referem recorrer mais a medicação sem prescrição (n=3).

Tabela 2 – Distribuição das respostas, por sexo, segundo a toma de medicação com m/sem prescrição médica

		Toma medicação com prescrição médica?		Total	Toma medicação sem prescrição médica?		Total
		Sim	Não		Sim	Não	
Sexo	Masculino	28	2	30	3	26	29
	Feminino	31	0	31	2	28	30
Total		59	2	61	5	54	59

Dos 59 idosos que tomam medicamentos com prescrição, 33 referem tomar até quatro medicamentos e 9 responderam tomar cinco ou mais. Para os que tomam até quatro medicamentos e sem prescrição médica as respostas dividem-se equitativamente entre o sexo masculino e feminino (tabela 3).

Tabela 3 – Distribuição das respostas, por sexo, segundo o número de medicamentos que tomam com/sem prescrição médica

		Número de medicamentos que toma com prescrição médica		Total	Número de medicamentos que toma sem prescrição médica		Total
		Até 4	5 ou mais		Até 4		
Sexo	Masculino	18	5	23	2	2	
	Feminino	15	4	19	2	2	
Total		33	9	42	4	4	

Na tabela 4 podemos verificar que, no que concerne ao cumprimento do horário da medicação tal como está prescrita, o sexo feminino é o que mais cumpre. Da totalidade de idosos inquiridos, 34 responderam respeitar sempre a prescrição e cinco assumem que o fazem raramente.

Tabela 4 – Distribuição das respostas, por sexo, segundo o horário de toma do medicamento

		Respeita o horário da toma do medicamento tal como está prescrito?			Total
		Sempre	Quase Sempre	Raramente	
Sexo	Masculino	14	5	2	21
	Feminino	20	2	3	25
Total		34	7	5	46

No que concerne à verificação da validade dos medicamentos, a nossa amostra revelou, em função do sexo, uma proximidade nos resultados para as classes “Sempre” e “Raramente”. Pode ainda constatar-se que quatro elementos do sexo feminino referiram não ter por hábito realizar essa verificação (tabela 5).

Tabela 5 – Distribuição das respostas, por sexo, segundo o hábito de verificar a validade do medicamento

		Tem por hábito verificar a validade do medicamento?			Total
		Sempre	Raramente	Nunca	
Sexo	Masculino	18	1	2	21
	Feminino	19	1	4	24
Total		37	2	6	45

Verifica-se que a procura de informação, quando surgem dúvidas na toma dos medicamentos, recai predominantemente sobre os serviços de saúde em ambos os sexos. O sexo feminino é o que mais procura esclarecer-se com familiares/amigos/vizinhos (n=7).

Tabela 6 – Distribuição das respostas, por sexo, segundo o recurso para esclarecer dúvidas relativamente ao medicamento

		Quando possui dúvidas relativamente ao medicamento que necessita tomar, a quem costuma recorrer?				Total
		Familiar/Vizinho/Amigo	Serviço de Saúde	Farmácia	Outro	
Sexo	Masculino	1	14	4	2	21
	Feminino	7	14	3	1	25
Total		8	28	7	3	46

Discussão / Conclusão

Uma elevada percentagem de inquiridos consome medicamentos. Na nossa amostra, 8,2% assume tomar medicação sem prescrição médica, valor inferior ao encontrado no estudo realizado por Lopes e Sousa (2002) onde 40% dos inquiridos recorria à automedicação. O sexo masculino, embora com pouca diferença, é aquele que mais recorre à automedicação, situação também encontrada nos estudos de Mendes *et al.*, (2004).

De salientar que a maioria dos inquiridos respeita a prescrição e toma os medicamentos até ao fim, mesmo quando que se sente melhor, contrariando também os resultados encontrados por Lopes e Sousa (2002). Os inquiridos revelaram, em elevada percentagem, possuir sentido de responsabilidade no que respeita à utilização dos medicamentos e à procura de informação. Neste âmbito os serviços de saúde foram a primeira escolha para o esclarecimento de dúvidas. Esta realidade não foi encontrada em estudos realizados por Mendes *et al.*, (2004), onde as farmácias portuguesas evidenciaram ser um local privilegiado para a recolha de informação.

As reacções medicamentosas são frequentes na população idosa, cujo risco advem das diferentes patologias e comobilidades, assim como da polimedicação (Relvas, 2006). O referido risco pode ser minimizado com a correcção de alguns erros de automedicação clássica, ao nível da dosagem, do cumprimento da prescrição, da descontinuidade ou continuidade necessária.

Parece importante evidenciar os resultados sobre a percepção que a própria pessoa tem do seu estado de saúde. Este estudo revela que as mulheres são as que têm uma pior autopercepção do seu estado de saúde comparativamente com os homens, tal como a investigação realizada por De Santis (2009), onde se verificou que as pessoas com autopercepção do estado de saúde mais elevada utilizaram um menor número de fármacos.

Verificou-se, no estudo de De Santis (2009), haver maior prevalência de polimedicação nos homens tal como o encontrado nesta investigação, embora com pequena diferença entre sexos.

Os medicamentos por si só, não são capazes, de promover a saúde dos cidadãos. Todo medicamento apresenta risco ao ser consumido, devendo ser usado de forma racional. De acordo com a OMS (2002) mais de 50% de todos os medicamentos são prescritos ou vendidos de forma inadequada e 50% dos usuários utilizam-nos de forma incorreta. Neste sentido, e tal como este Organismo recomenda, para evitar o uso irracional do medicamento é importante

supervisionar o tipo de medicamentos, o volume da medicação prescrita e ainda os motivos da prescrição.

Referências Bibliográficas

- De Santis, T.P.L.S. (2009). *Polimedicação e Medicação Potencialmente Inapropriada no Idoso: estudo descritivo de base populacional em cuidados de saúde primários*. Dissertação de mestrado em Geriatria, apresentada à Universidade de Coimbra, Faculdade de Medicina Coimbra, consultada a 20/09/2012, em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handel/10316/14808>.
- International Council of Nurses (2009). *Delivering quality, serving communities: nurses leading chronic care*. Geneve: ICN, consultada a 15/09/2012, em: http://www.ghdonline.org/uploads/Delivering_Quality_Serving_Communities_-_Nurses_Leading_Chronic_Care.pdf
- Lopes, M. & Sousa, R. M. (2002). O idoso e a Medicação “Que dor de cabeça!”. *Revista Sinais Vitais*, 45, pp. 62-66.
- Mendes, Z., Martins, A.P., Miranda, A.C., Soares, M.A., Ferreira1, A. P., & Nogueira, A. (2004). Prevalência da automedicação na população urbana portuguesa. *Brazilian Journal of Pharmaceutical Sciences*, 40 (1), pp. 21-25, consultada a 20/02/2012, em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcf/v40n1/05.pdf>.
- Relvas, J. (2006). Psicofarmacologia das pessoas idosas In H. Firmino. *Psicogeriatria*. Coimbra: Psiquiatria Clínica.
- Ribeiro, J.L.P. (2007). *Metodologia de Investigação em Psicologia da Saúde*. Porto: Legis Editora.
- Ribeiro, M. I., Oliveira, A., Silva, H., Mendes, M., Almeida, M., & Silva, T. (2010). Prevalência da automedicação na população estudantil do Instituto Politécnico de Bragança. *Revista Portuguesa de Saúde Pública*, 28 (1), consultado a 20-09- 2012 em: http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S0870-90252010000100005&script=sci_arttext
- Santos, M., & Almeida, A. (2010). Polimedicação no idoso. *Revista de Enfermagem Referência*, III (2), consultada a 06/10/2012, em: http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-02832010000400016&lng=pt&nrm=iso.
- Roach, S. (2003). *Introdução à enfermagem gerontológica*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- OMS (2002). *Promoción del uso racional de medicamentos: componentes centrales*, consultada a 20/09/2012, em: <http://apps.who.int/medicinedocs/pdf/s4874s/s4874s.pdf>.